



Maciel não quer a reeleição no PFL por representar a minoria

Para dissidentes, nome de Aureliano une PFL

Gerson Menezes

A guerra pela sucessão no PFL já teve início: o nome do ministro Aureliano Chaves começou a ser lançado com insistência por setores da chamada "dissidência", como única forma de "reunificar" o partido. A parcela da dissidência que não aceita composição com os governistas reagiu e no início da noite começava a surgir o nome do deputado Alcení Guerra (PR) como candidato "autêntico" da dissidência.

O lançamento de Aureliano Chaves está sendo visto pelos governistas como uma manobra de Maciel para fortalecer o seu próprio nome. Isto porque ninguém acredita que Aureliano se disponha a sair do Ministério das Minas e Energia para assumir o comando do partido, o que levaria ao ressurgimento do nome de Maciel como a única outra hipótese para liderar a sigla. Maciel, no entanto, seria um candidato de "composição", o que não agrada a ala mais radical da dissidência. O deputado Alcení Guerra confirmou que foi sondado por participantes do grupo, mas disse que só concorre se Maciel não for mesmo candidato, como já declarou.

Depois de conversar com o presidente Sarney na noite de segunda-feira, o senador Marco Maciel manteve encontro com o ministro Aureliano Chaves para relatar-lhe a conversa e confirmar que não é candidato à reeleição para presidência do partido, pelos motivos que já expôs: representa uma facção minoritária na sigla, compreendida por aqueles que estão "mais afastados do Governo".

segundo define o próprio Maciel, ou que não aceitam um "alinhamento automático", segundo ainda a definição de Maciel. Ele pediu a Aureliano que coordene uma chapa de sucessão como forma de abrir caminho para uma composição. Esta composição também beneficiaria Maciel, na medida em que participantes de seu grupo passariam a figurar, automaticamente, na articulação, cujo objetivo seria contemplar todos os setores do partido.

O líder do PFL na Constituinte, deputado José Lourenço (BA), num diagnóstico realista, observa que não há muito o que unir na sigla, já que a dissidência conta com número praticamente insignificante. Neste sentido, o nome de Alcení Guerra surge como opção de um grupo que pretende apenas marcar posição, mas que, ainda assim, admite até uma possibilidade de vitória. Alcení Guerra, que se elegeu presidente PFL do Paraná na convenção do último fim de semana, conseguiu vencer em seu Estado três "caciques" do partido: o ex-ministro Ney Braga, presidente da Itaipu Binacional; Santos Filho, vice-presidente da Caixa Econômica Federal, e Matos Leão, diretor do Banco do Brasil. Os três articularam contra Alcení, que acabou vencendo a convenção. Agora, a pequena dissidência que se une em torno de Alcení para lançar sua candidatura a nível nacional objetiva conseguir pelo menos 20% dos votos, partindo em seguida para um entendimento com as lideranças próximas de Maciel como forma de conseguir maioria contra a ala governista, que no entanto, hoje detém inquestionável domínio da agremiação partidária.

Maciel sai do Planalto sem novidade

A chamada "dissidência" no PFL continua em "banho-maria": o senador Marco Maciel, presidente do partido, saiu do encontro com o presidente Sarney, na noite de segunda-feira, dizendo que "nada de novo" ocorreu, razão pela qual não há motivo para reunir a bancada a fim de relatar a conversa. Segundo Maciel, o Presidente da República "não propôs concretamente nada" ao partido, e por isso a dissidência continua em sua posição de "afastamento" do Governo, o que, segundo Maciel, se caracteriza pela ausência de participação de integrantes dessa dissidência no Governo e por eventuais votos contrários em plenário.

Como exemplo de votação contra o Governo, Maciel citou a posição a favor do mandato de quatro anos assumida pelos dissidentes (embora sem unanimidade) na Constituinte. Não há, no entanto, nenhuma postura ostensiva dessa dissidência contra os rumos da administração governamental e ontem Maciel negou que o PFL tenha remetido a Sarney qualquer programa econômico. Segundo ele, o que houve foi o encaminhamento de conclusões, no plano econômico, resultantes de "estudos" feitos por economistas filiados ao PFL.

Maciel insiste que há um "resultado político" do posicionamento da "dissidência", que seria a recusa a um "alinhamento automático" com o governo nas matérias que forem remetidas ao Congresso. Na própria conversa com Sarney, no entanto, ele admitiu que o Presidente da República não precisa pedir o apoio do PFL ao Governo, pois já conta com o apoio da maioria da sigla (em torno de 70%, segundo avaliações do senador). Uma prova de que essa dissidência tem peso, alega Maciel, está no fato de Sarney haver pedido que ela volte a "apoiar o Governo". (G.M.)

PFL
X